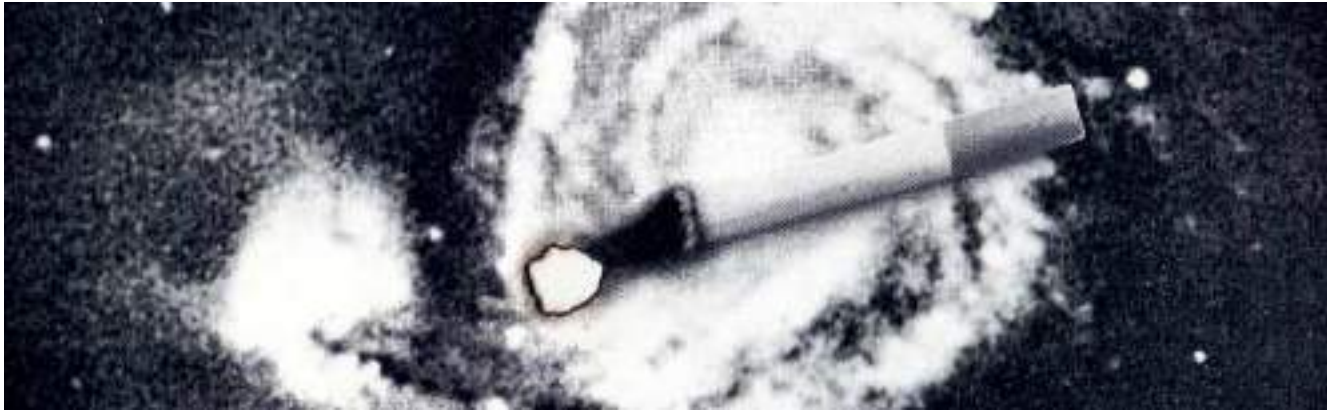




CURADORIA **Ío** | 02 SET A 16 DEZ | MATERIAL EDUCATIVO



fvcb | Sala dos Pomares
Avenida Senador Salgado Filho, 8450
Parada 54, Viamão, RS





O “**A**” nasce na garganta mas, ao ser coberto com um til, se torna mais grave e nebuloso, em um amálgama de fonemas lusitanos e guaranícticos. Esta palavra tão concisa evoca tanto o nome esquecido de um deus cosmogônico quanto o balbucio de um bebê que apenas brinca com os sons (como o primeiro sussurro que rompe a fina película das coisas, quando elas ainda não têm nome) desconhecendo que no futuro o xixi, sua mãe, o universo e a morte serão conjuradas por palavras.

Nossa atenção é atraída à forma das letras, seus traços de uma economia discreta, porém altiva. Não é irrelevante saber que, há 3.200 anos, ao singrar o Mediterrâneo, os fenícios inventaram a primeira letra de seu alfabeto sintetizando a cabeça de um touro (a segunda letra seria uma casa, a sétima um punhal). O alfabeto é um sistema engenhoso em sua simplicidade que nos permite, através da combinação de suas partes, designar todas as coisas até o limite de nossa imaginação, assim como ordená-las de forma rigorosa – embora seja um enigma o porquê do alfabeto ter esta disposição (e não são menos inescrutáveis as trilhas percorridas pelas obras que estão ao seu redor agora).

Para aqueles que tem o prazer da hermenêutica – e são seduzidos pela crença nos dicionários – dirão que **Aã** se refere à divisão de uma fórmula em duas partes rigorosamente iguais (o Zoroastrismo nos legou o hábito de entender o mundo como duas forças em antagonismo: inteligível ou obscuro; corrupto ou puro; leve ou pesado), mas assim, com frequência, esquecemos que as palavras – como as obras – são entidades vivas que se transformam, dissimulam e resguardam segredos do futuro.

Esta exposição é uma curiosa forma de arqueologia (embora aqueles que a interpretem como uma coleção ou um sistema aberto não estejam equivocados) que contempla não só as camadas de tempo sobrepostas (do acervo da FVCB, da poética dos artistas convidados ou das estratégias de animais que habitam o entorno) ou os desejos que lhes deram forma, mas as realidades que, por algum capricho, não aconteceram – e esperam na espreita para existir.



CILDO MEIRELES

Mebis/Caraxia, 1970

Palavras-chave

topologia – espaço – som

Cildo Meireles é considerado um dos principais artistas conceituais do Brasil. Apesar de sua formação inicial ter se dado na área do desenho, ainda nos anos 60, foi um dos primeiros artistas a realizar propostas ambientais, com seus *Espaços Virtuais: Cantos 1967/68*, obras que posteriormente foram consideradas como “instalações”. No início dos anos 70, o artista irá realizar obras de caráter político, sem, no entanto, deixar de propor questões puramente conceituais, algumas delas denominadas “Arte Física”. São obras desse período: *Mutações Geográficas* e *Caixas de Brasília*. É a partir dos anos 80, porém, que o artista receberá um grande reconhecimento da crítica e do público. Cildo Meireles é admirado pela crítica, pela sua coerência e por uma linha de produção visual em contínuo e perceptível desenvolvimento, originando uma obra incomum, característica dos artistas que possuem um vínculo com a cultura brasileira e forte conhecimento do seu próprio país.

Em 1969-70, o artista passa a relacionar uma série de ideias que remetem ao objeto “disco de vinil”. Ele considerava seriamente a ideia de articular o som com a topologia. *Mebis/Caraxia*, por exemplo, tem origem em dois gráficos sonoros.

Um lado do disco chama-se Mebs, em função da fita de Moebius. Uma fita de Moebius é um espaço topológico obtido pela colagem das duas extremidades de uma fita após se efetuar meia volta em uma delas. O resultado acaba operando como uma espécie de representação de ambiguidade, pois tanto remete à ideia de infinito como a de um caminho sem saída. Seu nome é devido ao do matemático e astrônomo que a estudou, em 1858: August Ferdinand Moebius.

No outro lado do disco vê-se uma espiral, e o artista une aí duas palavras ligadas a estruturas espiraladas: caracol e galáxia – logo, *Caraxia*. Ele perfura uma das faces da capa do disco, queimando-a com um cigarro, e essa marca repousa sobre a imagem de um cigarro que se encontra sobre a figura impressa da galáxia.

A obra é um registro de frequência que fica constantemente sendo modificado pelo artista, estabelecendo um eixo que é intermitentemente alterado para cima e para baixo. O resultado é uma perversão do gráfico sonoro tradicional, que procura sempre mensurar as ondas. O que temos aqui, nesta obra de Cildo Meireles, é um conjunto imprevisível de sons, que remete o ouvinte a um ambiente rico em referências sonoras a filmes de ficção científica. Trata-se de todo um universo ancorado na cultura visual e sonora desde os anos 50, e que encontrará seu ápice nos anos 70 e 80 do século XX, com a difusão mundial da música eletrônica. Cildo Meireles, na obra *Mebis/Caraxia*, apropria-se de conceitos da topologia, da matemática, da física e de máquinas que servem aqui para riscar o vinil, utilizando-se de manipulações sonoras das ondas para materializar como arte aquilo que ele chamou de “escultura sonora”.

PROPOSTA DE ATIVIDADE - Solicite aos alunos que gravem e produzam um inventário pessoal com sons do seu cotidiano, da sua casa, do trajeto para a escola ou da sala de aula. Cada um deverá escrever um texto ou elaborar um desenho que descreva suas gravações, refletindo sobre o modo como os sons e ruídos interferem em nossos relacionamentos interpessoais e alimentam a nossa imaginação.

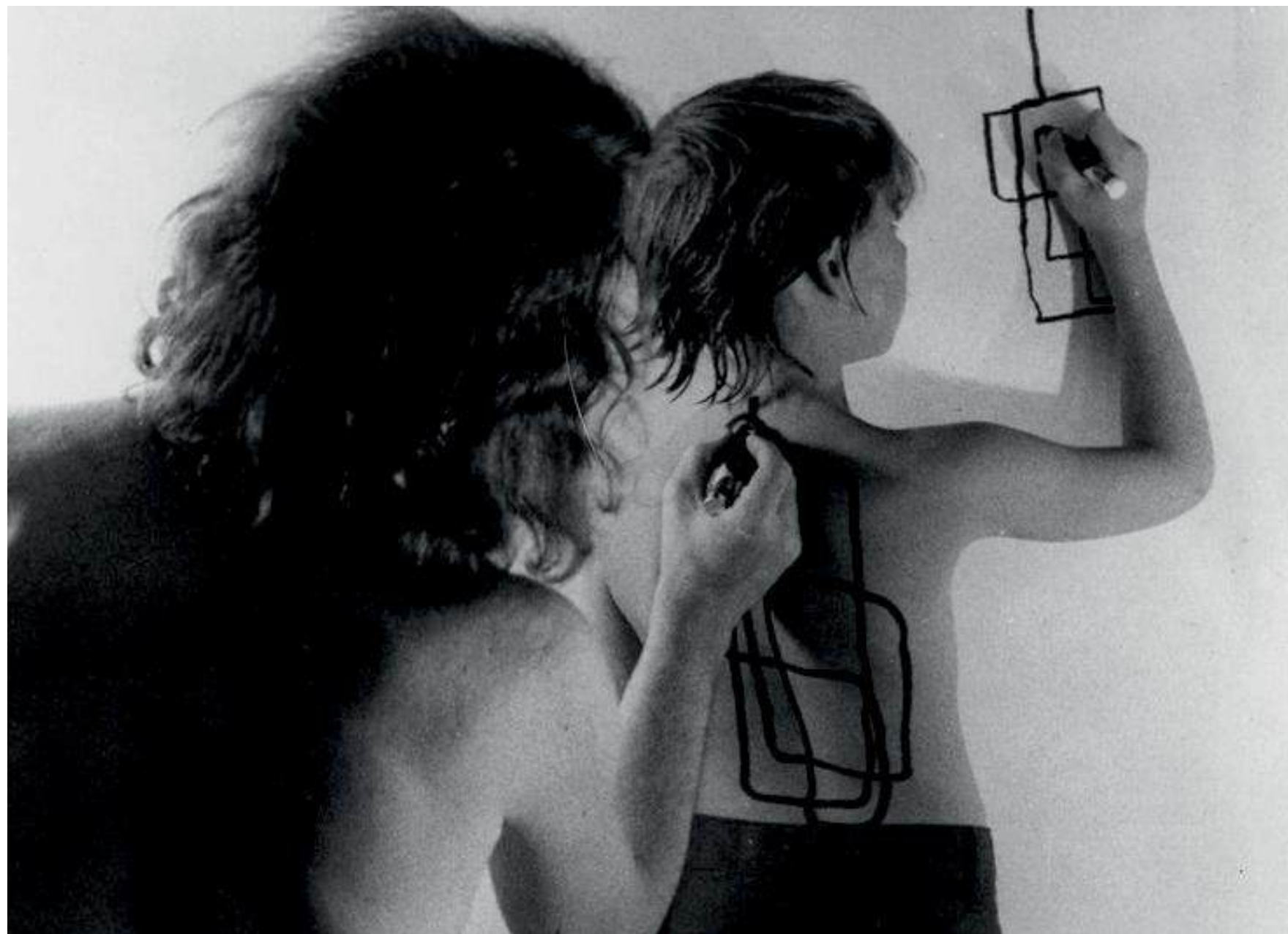
OBRA RELACIONADA



Na obra *Cosmos 1*, de 2012, o artista também inventa os seus próprios cosmos. Nelson Weigert utiliza reflexos de gotículas d' água para causar um efeito que remete a um céu estrelado ou a fotografias realizadas por cientistas.

Outra obra relacionada é *Caminhando* (1964), de Lygia Clark, em que ela faz uso da Fita de Moebius. No entanto, aqui a transferência de poder do artista para o propositor encontra uma nova dimensão, já que o objeto não está mais fora do corpo, mas é o próprio corpo.

Nelson Weigert
Sem título, da série *Cosmos 1*, 2012
Fotografia



DENNIS OPPENHEIM

Two Stage Transfer Drawing, 1971

Palavras-chave

desenho – cinestesia – vídeo

Dennis Oppenheim descreve assim a sua obra: “passando um marcador nas costas de meu filho Eric, ele duplica e transfere o movimento e o desenho para a parede. Minha atividade simula uma resposta cinestésica de seu sistema sensorial. Depois eu desenho sobre ele”.

A obra *Two Stage Transfer Drawing, 1971*, de Denis Oppenheim, trata da interpretação sensorial de um gesto por outro gesto que o imita. A obra apresenta uma interface da comunicação, o íntimo com o exterior, por meio de um circuito de sensações táteis. Textura, pressão, temperatura e intensidade do estímulo serão traduzidos nos desenhos.

PROPOSTA DE ATIVIDADE - A atividade será dividida em três exercícios. Os alunos deverão escolher um deles para realizar as suas experiências com desenho. Na primeira etapa, os alunos criarão desenhos rápidos, a partir da observação de modelos (humanos e objetos). No segundo exercício, o grupo será dividido em duplas, e as duplas escolherão, entre os desenhos da primeira etapa, um que sirva de base para fazer um outro desenho, podendo este ser só o gesto nas costas de seu colega, que deverá imitar o gesto sobre o quadro negro ou um papel. No terceiro exercício, a ideia é realizar desenhos de modelos a partir de desenho cego (desenho que se faz olhando apenas para o modelo, sem olhar para o papel), e complementá-los em seguida com o desenho de observação da primeira etapa.

OBRA RELACIONADA



Nesta obra, Guilherme Dable grava em vídeo a performance do músico Diego Silveira, em que as batidas de um xilofone produzem um desenho sobre um papel japonês precedido de carbono. Os ruídos incidentais são então registrados em suas diversas intensidades e variações.

Guilherme Dable
Tacet, 2009
Desenho em carbono sobre papel japonês, DVD.



ELCIO ROSSINI

Objetos para a ação, 2004

Palavras-chave
ar – corpo – ação

Segundo depoimento de Elcio Rossini, essa obra faz parte da série *Objetos para ação*, e este é o nome mais óbvio que o artista poderia dar a ela, na medida em que os objetos se completam diante da relação com o corpo. Trata-se de um objeto inflável, com uma proposição de encontro entre este e o corpo. O objeto não possui uma forma própria e definida, uma vez que ela só acontece mediante sua relação com o corpo, enchendo-se de ar e, a partir disso, com todas as coisas que podem se desdobrar no decorrer desse encontro. Também é objetivo do artista criar uma forma que possa desdobrar imagens no espectador, imagens não fixas e que possam ser moduladas pelo corpo e pelo movimento. Existem objetos que podem ser modificados e ressignificados conforme o uso, como no teatro, e que existem apenas mediante certas ações. O objeto, aqui, não é só dócil no sentido de permitir que se faça coisas com ele, ou no sentido de que pode ser manipulado livremente, mas possui toda uma lógica de reação: ao mesmo tempo que o movimento poderá enchê-lo, há também uma reação concomitante, que é a possibilidade dele esvaziar-se.

Este objeto pertence à primeira série que conecta as duas experiências construídas pelo artista a partir da união de suas duas áreas de atividade. Até 2000, seu trabalho transitava ora no teatro, ora nas artes plásticas. Agora, tudo o que Elcio Rossini produz está nesse espaço híbrido que transita entre os dois campos simultaneamente, sem a preponderância de um sobre o outro. Esses objetos são importantes porque fundam um tipo de pensamento de produção que conecta as duas experiências.

PROPOSTA DE ATIVIDADE - Crie seu próprio objeto para ação. Sugerimos utilizar folhas de jornal, com fita adesiva ou cola, tecido ou o material que você considerar adequado, mas que resista às intervenções com partes do corpo em buracos ou fendas. Vá para a área aberta mais próxima e divirta-se com seus colegas. Para concluir a atividade, descreva possíveis personagens, os movimentos e as figuras que surgirem durante a performance.

OBRA RELACIONADA



Nesta série de registros fotográficos de Vera Chaves Barcellos, os artistas utilizam uma lona vinílica prateada para concepção da obra. Diversos personagens são apresentados em uma performance de Cláudio Goulart e Flávio Pons sobre um lago congelado, em Amsterdã.

Vera Chaves Barcellos
On Ice, 1978
Fotografia

ELIDA TESSLER

Meu nome ainda é vermelho, 2011

Palavras-chave

literatura – livro de artista – marca

Em 2010, a convite da Fundação Iberê Camargo, para participar do Programa Artista Convidado do Atelier de Gravura, Elida Tessler dá continuidade aos seus livros de artista. Inspirada na obra de Orhan Pamuk – Prêmio Nobel de Literatura em 2006 –, em 2009, Elida Tessler já realizara a instalação *Meu nome também é vermelho*, composta por 200 porta-retratos reunidos em livro impresso com intervenções gráficas e material de caligrafia. No livro dessa instalação, o procedimento efetuado pela artista consistiu em grifar, letra por letra, com uma caneta vermelha, a palavra “imagem”.

Em 2011, a artista apresenta a obra *Meu nome ainda é vermelho*, obra constante da exposição *Aã* de 2017, na Sala dos Pomares, utilizando a técnica de água tinta e água forte. Temos aqui um livro de artista que reproduz o capítulo 31 do romance *Meu nome é vermelho*, de Orhan Pamuk, trazendo diversas intervenções realizadas sobre o texto, que constavam também no trabalho de 2009. Como resultado dessas intervenções, 20 trechos não riscados acabam por se descolar das páginas, gerando um novo texto quando encadeados. O narrador do capítulo 31 da obra do escritor turco é a cor vermelha, e o pigmento anuncia, ali, algumas de suas aparições e representações no mundo da arte e no mundo dos homens.

Abaixo, temos um texto, resultado da sequência dos trechos não riscados pela artista, extraído da obra *Meu nome é Vermelho*, de Orhan Pamuk:

“o sangue que esguicha do célebre demônio branco, no sangue que escorre cintilante, a crista dos galos bravios, os olhos de cereja confeitada dos passarinhos de açúcar; flores de sangue, Que sorte tenho de ser o Vermelho! Os corações, a origem do escarlate, pó vermelho, o autêntico vermelho, carmim, Quê êxtase ser o Vermelho! meu coração, sobre o significado de ser vermelho, nós conhecemos o vermelho, esse vermelho que nosso formoso aprendiz está usando? explicar o vermelho a quem nunca conheceu o vermelho, nuances de diversos vermelhos,” vários vermelhos num manto vermelho, num único vermelho, “Qual o significado do vermelho?” “O vermelho não pode ser explicado a quem não vê.”

PROPOSTA DE ATIVIDADE - Se você fosse uma cor, que cor seria? Sendo você essa cor, faça um texto ou um desenho descrevendo suas sensações e características físicas.

OBRA RELACIONADA



O artista realiza um vídeo registrando o lançamento de sinalizadores, dos quais se desprende uma fumaça vermelha que vai se destacando e dissipando contra uma paisagem rural.

Luiz Roque
Projeto Vermelho, 2006
Vídeo 5'15"



NICK RANDS

West Solent Coastline, Rhythm, 2004

Palavras-chave

percurso – estratégia – tempo

A obra de arte, para Nick Rands, surge de um complexo sistema de tomada de decisões. Nesta obra, o processo de escolha de uma estratégia do olhar e de marcar a imagem do lugar em um determinado tempo é a afirmação da materialidade do mundo, sua inserção dentro dele e de seus limites. Em uma trilha à beira mar – duas horas na ida e duas horas na volta – são realizados registros fotográficos a cada dez minutos, treze vezes durante um ano. Simplicidade, natureza e repetição como processo de trabalho configuram os sistemas como geradores de variações. A obra é um território que deve ser ocupado, percorrido e vivido. Para tanto, é necessário traçar uma estratégia e executá-la à risca.

PROPOSTA DE ATIVIDADE - Realize um vídeo ou uma série fotográfica detalhada do percurso diário entre a sua escola e a sua casa. Você poderá se incluir na paisagem. Para completar o trabalho, faça um inventário das coisas que poderiam deixar de existir nesse trajeto, assim como dos objetos que você gostaria que existissem, mas que não fazem parte do caminho, podendo ser adicionados à paisagem. Acrescente ao trabalho os objetos elencados, utilizando colagens, fotomontagens e outros dispositivos. A turma deverá discutir os trabalhos apresentados e verificar as possibilidades de modificações para os percursos propostos.

OBRA RELACIONADA



Neste intrigante vídeo, diversas formigas percorrem trajetos variados em direção ao formigueiro. Elas carregam lantejoulas coloridas, ao som de um samba engraçado, o que provoca relações entre a lógica inescrutável das formigas e as condições para o surgimento de um imprevisto que as desafie. Na história da arte contemporânea, diversos artistas se utilizam de estratégias de percursos. Na obra */projeto* de Emílio Primi, por exemplo, o artista percorre cinco pontos do sul da Europa, de outubro a novembro de 1967. Ao longo do trabalho, podemos verificar inúmeras estratégias e desdobramentos visuais dos estatutos propostos pelo artista, sendo um desses desdobramentos as próprias fotografias produzidas das ações realizadas em cada uma das cidades.

Cao Guimarães e Rivane Neuenschawander
Quarta-feira de cinzas, 2006
Vídeo HDV 5'48''

BIOGRAFIAS

Cildo Meireles (Brasil, Rio de Janeiro, 1948) – Artista multimídia, pioneiro da arte conceitual brasileira, que constrói uma sólida obra de teor crítico e político, hoje uma referência na arte brasileira e reconhecida internacionalmente. Vem desenvolvendo novas possibilidades para a arte conceitual a partir da relação entre a experiência sensorial do espectador e o uso crítico de sistemas ideológicos e econômicos. Inicia seus estudos em arte em 1963, na Fundação Cultural do Distrito Federal, em Brasília. Em 1967, transfere-se para o Rio de Janeiro, onde estuda na Escola Nacional de Belas Artes (Enba). É um dos fundadores da Unidade Experimental do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), em 1969, na qual lecionou até 1970. Participou das seguintes bienais: Bienal de Veneza (1976); Bienal de Paris (1977); Bienal de São Paulo (1981, 1989 e 2010); Bienal de Sydney (1992); Bienal de Istambul (2003); Bienal de Liverpool (2004); Bienal de Medellín (2007); e Bienal do Mercosul (1997 e 2007); além da Documenta de Kassel (1992 e 2002). Em 2009, é lançado o longa-metragem *Cildo*, sobre sua obra, com direção de Gustavo Moura. Realizou diversas exposições individuais, como a da Tate Modern, Londres, Inglaterra (2008); do Museu d'Art Contemporani de Barcelona, Espanha (2009); da Galerie Lelong, Nova Iorque, EUA (2015); e ainda na Basel Art Fair, Suíça (2017).

Dennis Oppenheim (Estados Unidos, Electric City, 1938 - Estados Unidos, Nova Iorque, 2011) – Reconhecido artista norte-americano, um dos mais emblemáticos representantes de sua geração. Trabalhou com fotografia, escultura e arte pública. Seu nome está relacionado à performance, ao vídeo experimental, à *Land Art*, sendo também um dos precursores da arte conceitual. Participou de diversas exposições, como *Earth Art*, Ithaca, na Universidade de Cornell (1969); *When attitudes become form*, Bern, Kunsthalle (1969); *Documenta de Kassel VI* (1977); e *Bienal de Veneza* (1980). Realizou exposição individual no MoMa, em Nova Iorque (1969), no Rijkmuseum Kroller-Muller, Otterlo (1996), e no Whitney Museum of American Art, em Nova Iorque (2003). Sua obra está presente em coleções de dezenas de museus entre os mais importantes do mundo. Em 2008, participou da exposição *Olhos vendados – Vídeo no acervo da FVCB*, realizada no Espaço O da Fundação Vera Chaves Barcellos, em Porto Alegre.

Elcio Rossini (Brasil, Porto Alegre, 1959) – Possui graduação em Licenciatura em Educação Artística, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 1985), e mestrado e doutorado em Artes Visuais pela mesma universidade; e pós-doutorado em Ciência da Informação – Museologia, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É artista visual, diretor teatral e cenógrafo. Sua obra transitou alternadamente entre o teatro e as artes visuais durante vários anos e hoje faz uma síntese dessas experiências, muitas vezes concretizadas em performances que incluem o uso de objetos que interagem com o corpo do artista. Participou das exposições *Olhar Abissal* (1982), na Galeria Salamandra, em Porto Alegre; *O corpo e a obra* (1993), no Museu de Arte Contemporânea, em Porto Alegre; *Elcio Rossini – Performance e videoperformance* (2009), na Pinacoteca Feevale, em Novo Hamburgo; *V Bienal do Mercosul* (2005), em Porto Alegre; e *V Bienal Internacional de Arte Textil* (2009), em Buenos Aires. Na Fundação Vera Chaves Barcellos, participou das seguintes exposições coletivas: *Limites do Imaginário* (2013), *Destinos dos Objetos | O artista como colecionador e as coleções da FVCB* (2015) e *Humanas Interlocuções* (2016).

Elida Tessler (Brasil, Porto Alegre, 1961) – É artista plástica e foi professora do Departamento de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. Realizou doutorado em História da Arte Contemporânea na Université de Paris I – Panthéon – Sorbonne, em Paris (França), onde residiu de 1988 a 1993. Entre 2009 e 2010, realizou o Pós-Doutorado, também em Paris. Foi fundadora, em 1993 – e coordenou o espaço até 2009, junto com o artista Jailton Moreira –, do Torreão, local de produção e pesquisa em arte contemporânea, em Porto Alegre. Em 2007, dentro do Instituto de Artes da UFRGS, iniciou o grupo de pesquisa p.a.r.t.e.s.c.r.i.t.a, relacionado a textos de artistas e à presença da palavra em produções de arte contemporânea, resultado de um crescente interesse pela relação entre palavra e imagem, literatura e artes visuais. Trabalhos como *Horizonte Provável* (2004), *O homem sem qualidades caça-palavras* (2007), *Meu nome também é vermelho* (2009), *Vous êtes ici* (2009), *Dubling* (2010), *Desertões* (2015) e outros são decorrentes desses estudos e experimentos acerca das possíveis relações entre objeto e palavra – e mesmo da criação de palavras-objeto. Em 2014, na Fundação Vera Chaves Barcellos, participou da exposição coletiva *Fotografia Transversa*. Realizou diversas exposições, como: *8ª Bienal do Mercosul*, Porto Alegre (2011); *Gramática Intuitiva*, Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre (2013); *Há escolas que são gaiolas, há escolas que são asas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro (2014); e *Recortar, Copiar, Colar*, na Galeria Bolsa de Arte de SP, São Paulo (2017).

Nick Rands (Inglaterra, Chester, 1955) – Estudou Artes Plásticas na Reading University e Arte Educação na Bristol University. Ensinou arte e trabalhou com Educação em Galerias na Inglaterra. Participou como artista no Intercâmbio Southern Arts – Brasil, em 1992, tendo passado a residir no Brasil em 1998. A obra do artista transita entre a pintura – que se caracteriza por um universo em que gestos mínimos e o uso de pigmentos naturais de terras recolhidas em diferentes locais preenchem a superfície das telas – e a fotografia, que documenta percursos em diversos momentos, concretizados em imagens sobrepostas. Na Galeria Obra Aberta, em Porto Alegre, participou de duas exposições: *Coletiva de 4 artistas* (1999) e *[bah]ZART contemporâneo* (2000). Participou de diversas exposições coletivas, como: *2º Salão Nacional de Arte de Goiás* (2002), em Goiânia; e *28º Salão de Arte de Ribeirão Preto* (2003), em Ribeirão Preto. Na Fundação Vera Chaves Barcellos, participou das seguintes exposições: *A Imagem Lúcida - fotografia contemporânea no acervo FVCB* (2006), *Silêncios e Sussurros* (2010) e *DES|ESTRUTURAS* (2012).

REFERÊNCIAS

Livros

- AMARAL, Aracy A. *Textos do Trópico de Capricórnio*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- CELANT, Germano. *Art Povera*. Verlag Ernst Wasmuth Tübingen, 1969.
- GUIMARÃES, Cao. *Cao*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- KASTBER, Jefferey. *Land and Environmental Art*. Londres: Phaidon, 2005.
- MATTA-CLARK, Gordon. *Odd Lots. Revisiting Matta-Clark's. Fake Estates*. New York: Cabinet Books, 2005.
- MEIRELES, Cildo. *Cildo Meireles*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- MEIRELES, Cildo. *Encontros*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2009.
- PAMUK, Orhan. *Meu nome é vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Sites dos artistas e consultas na Web

- <http://www.caoguimaraes.com>
- <http://www.dennis-oppenheim.com>
- <http://elciorossini.blogspot.com.br>
- <http://www.elidatessler.com.br>
- <http://www.lygiaclark.org.br>
- <http://www.nickrands.com>
- <https://artrio.art.br/pt-br/noticias/cildo-meireles-no-arte-sonora-podcast-12> <acesso em 13 de julho de 2017>
- http://www.iberecamargo.org.br/site/uploads/multimediaExposicao/120620131659_Catalogo_ElidaTessler_gramaticaintuitiva.pdf <acesso em 17 de julho de 2017>
- <https://ipemsp.wordpress.com/tag/fita-de-moebius> <acesso em 18 de julho de 2017>

Entrevistas

Depoimento do artista Elcio Rossini, gravado por Margarita Kremer em 13 de julho de 2017, na Sala dos Pomares, em Viamão, RS.

Catálogos de exposições

- TESSLER, Elida. 365. Porto Alegre: Galeria Bolsa de Arte de Porto Alegre, 2015.
- TESSLER, Elida. *Vasos Comunicantes*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2003.

Trabalhos acadêmicos

- BOSI, Isabela Magalhães. *ENVIO, TEMPO, MEMÓRIA: uma conversa com a obra de Elida Tessler*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.
- KLAMT, Munir. *Metamedidas*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

FICHA TÉCNICA

- CURADORIA** | Ío (Laura Cattani e Munir Klamt)
- COORDENAÇÃO DE PROJETOS E PRODUÇÃO** | Thaís Franco
- EDUCATIVO** | Margarita Santi Kremer e Yuri Flores Machado
- ACERVO** | Fernanda Soares da Rosa e Fernanda Porto Campos
- CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA** | Fernanda Medeiros
- COMUNICAÇÃO** | Andrei Moura
- REVISÃO** | Carla Trindade
- PROJETO GRÁFICO** | Thaís Franco



IMEBS II CARAXIA

CILOD MEIRELLES

1 9 7 1

B R A S I L